

Francesco Castelli

PADRE PIO  
SOB INVESTIGAÇÃO  
A "AUTOBIOGRAFIA" SECRETA



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Castelli, Francesco

Padre Pio sob investigação : a “autobiografia” secreta/  
Francesco Castelli ; tradução Paulinas-Lisboa. – 3. ed. –  
São Paulo: Paulinas, 2012. – (Coleção investigando a história)

Título original: Padre Pio sotto inchiesta :  
l’ “autobiografia” segreta.

Bibliografia.

ISBN 978-88-8155-438-6 (Ed. original)

ISBN 978-85-356-3025-1

I. Pio, de Pietrelcina, padre, 1887-1968 I. Título.  
II. Série

12-00072

CDD-922.2

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Padres católicos : Biografia 922.2

Título original da obra: *Padre Pio sotto inchiesta*  
*L’ “autobiografia” segreta.*

© 2008 Edizioni Ares, Milano

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editora responsável: *Luzia M. de Oliveira Sena*

Assistente de edição: *Andréia Schweitzer*

Tradução: *Paulinas – Lisboa*

Copidesque: *Ana Cecília Mari*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Ruth Mitzuie Kluska*

Direção de arte: *Irma Cipriani*

Gerente de produção: *Felício Calegato Neto*

Capa: *Manuel Rebelato Miramontes*

Editoração: *Sandra Regina Santana*

3ª edição – 2012 / 7ª reimpressão – 2021

---

*Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.*

---

**Paulinas**

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – [editora@paulinas.com.br](mailto:editora@paulinas.com.br)

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2009

## AGRADECIMENTOS

**D**evo a muitas pessoas a publicação desta obra. Em primeiro lugar, ao arcebispo de Taranto, Dom Benigno Papa, pela sensibilidade cultural que o caracteriza e pela paterna atenção demonstrada para comigo desde o nosso primeiro encontro. Durante longos anos, demonstrou ser um verdadeiro pai para mim e um pastor iluminado. Por ele e pelo seu encorajamento, sempre aberto e inteligente, alimento um reconhecimento filial.

Estou muito grato a Dom Pierino Galeone, fundador do Instituto Secular dos Servos do Sofrimento, que me acolheu como filho e discípulo e me ajudou no meu caminho, interior e intelectual. Com relação a este livro, ofereceu-me preciosas indicações e significativos aprofundamentos sobre a espiritualidade e a personalidade do capuchinho que, durante longos anos, conheceu de perto, assimilando profundamente o seu estilo de vida e os seus ensinamentos. Também a ele exprimo, de modo singular, profunda gratidão e afeto filial.

Da mesma forma, desejo expressar ao doutor Vittorio Messori uma especial gratidão e estima: o seu amplo prefácio oferece a possibilidade de ler, no turbilhão de tantas vozes e opiniões discutíveis, o juízo penetrante de um mestre a quem muito devo, mesmo para o meu caminho pessoal, espiritual e intelectual.

Dom Emanuele Tagliente, vigário do Instituto Secular dos Servos do Sofrimento e professor de Direito Canônico no ISSR (Instituto Superior de Ciência Religiosa) Romano Guardini, e o professor Dom Carmelo Pellegrino, oficial da Sagrada Congregação para as Causas dos Santos e docente da Pontifícia Universidade Gregoriana, foram os inspiradores deste livro e quiseram-no tenazmente. Também lhes agradeço sinceramente, com afeto fraterno e estima profunda.

Por sua disponibilidade e pela sua culta competência, merece o meu sincero agradecimento Dom Alejandro Cifres, diretor do Arquivo da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé. Ao doutor Daniels Ponziani, oficial do supramencionado arquivo, devo preciosas indicações bibliográficas e a constante atenção ao sugerir-me esclarecimentos e pistas de investigação arquivística. A ambos agradeço de coração pelo seu contributo.

Devo formular um caloroso agradecimento às Edizioni Ares e, de modo particular, ao doutor Riccardo Caniato. Desde o nosso primeiro contato, demonstrou viva sensibilidade intelectual pela minha proposta editorial, acolhendo o convite para uma publicação, sugerindo integrações e esclarecimentos úteis. Estou sinceramente agradecido por sua constante disponibilidade, sempre atempada, e por seu grande empenho profissional em favor do êxito desta obra.

Também sou grato ao Padre Francesco Colacelli, diretor de *Voce di Padre Pio*, por ter-me concedido amavelmente a publicação das fotos do arquivo da revista, mostrando-se disponível e atento aos meus pedidos.

Devo um sincero agradecimento ao Padre Ildefonso Moriones, postulador-geral dos Carmelitas Descalços, por sua completa disposição em conceder-me a bibliografia necessária para o estudo do Cardeal Rossi e pela concessão do *copyright* de algumas fotos do servo de Deus, cujo processo de beatificação está atualmente em curso.

Quanto ao perfil histórico, o rascunho deste livro foi revisto e criticamente meditado pelo meu irmão, o professor Emanuele Castelli, doutor de investigação em Ciências Históricas e docente da Pontifícia Universidade Gregoriana. A nossa ligação fraterna é para ele o meu agradecimento concreto.

No perfil estilístico, o esboço desta publicação foi pacientemente relido e iluminado pelas indicações e sugestões do doutor Alberto Fornaro, médico-chefe radiologista e escritor. Estou profundamente ligado a ele por vínculos afetivos e, agora, por dívidas intelectuais.

Além disso, estou grato ao amigo professor Padre Luciano Lotti, diretor da revista *Studi su Padre Pio*, a quem frequentemente me refiro por sua vasta erudição sobre o Padre Pio e pelo valor das suas indicações sobre problemas e questões particulares.

Agradeço ao ISSR Romano Guardini de Taranto, por ter apoiado a publicação.

Por vários motivos e com profunda gratidão, reconheço e muito devo a alguns dos meus caríssimos amigos: a doutora Ga-

briella De Donato, Giovanna D’Oronzo, a doutora Irene Errico, Giuseppe Gaeta, Sara Iaculli, Antonella Introcaso, Luciana Introcaso, Daniele Pulpito, Annunziato Russo, Luca Tenneriello. Pela ajuda e constante apoio, a todos agradeço com afeto profundo e forte amizade.

Devo especialmente exprimir o meu afeto e a minha gratidão a minha mãe, que, durante longos meses, teve a paciência de ver-me mergulhado no trabalho, aceitando a minha dedicação radical à publicação e acompanhando-me com a sua operosidade eficaz e o seu amor materno.

Por fim, quero expressar o meu “Obrigado!” a quem do céu olha para mim com amor imerecido e me acompanha em todos os passos da minha vida sacerdotal.

*Francesco Castelli*

## PREFÁCIO

### "SOU UM MISTÉRIO PARA MIM MESMO"

#### Um documento excepcional

“O futuro dirá o que hoje não se pode ler na vida de Padre Pio de Pietrelcina.” Estas palavras, escritas em janeiro de 1922 por Dom Raffaello Carlo Rossi, bispo de Volterra\* – o inquisidor enviado pelo Santo Ofício a San Giovanni Rotondo, em junho de 1921, quando Padre Pio tinha somente 34 anos –, eram, então, certamente um modo de protegê-lo. Sua intenção era evitar que o frade fosse encerrado numa prisão apertada, pois todos aqueles acontecimentos, como veremos a seguir, pareceram ao Prelado, incumbido de fazer uma investigação sobre o frade estigmatizado e o ambiente em que vivia, algo certamente fora do comum, mas também substancialmente honesto e sincero. Contudo, ao mesmo tempo, isso se revelou uma profecia até muito simples.

Ao lermos essas palavras, agora que Padre Pio, finalmente e depois de muitas oposições e peripécias, foi proclamado santo em 2002, não podemos deixar de sorrir. De fato, hoje sabemos muito

---

\* Diocese do extremo sul da Itália. (N.T.)

bem o que o futuro disse sobre aquele frade, desde menino, rico de carismas extraordinários, e que foi – diria necessariamente – atentamente observado pela Igreja e submetido a uma severidade que, por vezes, pareceu excessiva.

Temos conhecimento disso porque, não obstante a sua humildade e reserva, a missão a que tinha sido chamado teve um eco extraordinário, ultrapassando rapidamente todos os confins e encaminhando milhões de peregrinos a San Giovanni Rotondo. Um evento que, independentemente de qual fosse o julgamento que se pudesse fazer a seu respeito, atraiu a atenção de todos, crentes e não crentes, contribuindo notavelmente para corroborar a fé de muitos.

Por isso, em razão de já se ter escrito muitíssimo sobre ele, tanto com base na visão de especialistas como também para fazer divulgação, dever-se-ia saber praticamente tudo a seu respeito. Mas, ao contrário, não é assim. É o que demonstra esta obra do historiador Francesco Castelli, que tem por tema, inclusive com comentários, aquilo que em gíria se chama o “Voto” (isto é, como já se disse, o texto da investigação de Dom Raffaello Carlo Rossi, redigido por ordem do Santo Ofício), além de trazer alguns textos mais breves de aprofundamento, como a própria *Cronistoria di P. Pio*, feita por um dos seus diretores espirituais, o Padre Benedetto Nardella de San Marco in Lamis.

Trata-se de textos quase que completamente inéditos e de notável valor documental, pois, uma vez que foram mantidos em segredo, não se incluíram entre as fontes presentes nos arquivos de San Giovanni Rotondo, ficando, portanto, esquecidos por um longo tempo. Mas, como bem se sabe, em 2006, Bento XVI permitiu o livre acesso aos arquivos do antigo Santo Ofício até

o ano de 1939, consentindo que, assim, se pudesse finalmente examinar também o que lá se guardava sobre o frade de Pietrelcina. Tudo isso teve como consequência relançar ulteriormente a investigação, que parece nunca se exaurir, sobre esse santo tão profunda e longamente amado e, ao mesmo tempo, tão discutido e olhado com tanta desconfiança. Por isso, estes últimos anos assistiram ao reacendimento das discussões – que, com a canonização, pareciam estar adormecidas – tanto a favor como contra o capuchinho com os estigmas.

Assim, precisamente ao estudar alguns documentos guardados no antigo Santo Ofício, em particular a denúncia de dois farmacêuticos anexada ao Relatório “Lemius”, fez muito alarde o texto de um historiador judeu, Sergio Luzzatto, *Padre Pio. Miracoli e politica nell'Italia del Novecento*. O autor também menciona brevemente a visita de Rossi, mas sua intenção é lançar uma luz ambígua sobre a figura do frade estigmatizado, apoiando-se nos seus detratores, a começar pelo Padre Gemelli. Ato que Luzzatto realiza levantando dúvidas sobre a “verdade” dos estigmas, segundo as quais não podem ser excluídos os fatos psicossomáticos nem a utilização de produtos químicos para criá-los e mantê-los. De acordo com esse autor, grande parte do “fenômeno” Padre Pio seria, em substância, naqueles anos da história da Igreja, fruto de uma íntima ligação com a política italiana, em especial com o clericalismo-fascismo, unido ao fanatismo das massas católicas, que, subitamente, teria tornado praticamente intocável o capuchinho, que, em palavras suas, estaria, pelo menos, consciente disso.

No devido tempo, pude intervir de maneira a sublinhar que a leitura feita por Luzzatto, utilizando categorias histórico-políticas,

quando não ideológicas, é completamente insuficiente para descrever e penetrar em fenômenos – como o que é objeto deste livro – que, embora façam parte da história, são ao mesmo tempo meta-históricos. Só a fé, que não é fanatismo nem sentimentalismo, como, às vezes, seria cômodo fazer crer, proporciona aquela visão de mundo e, por isso mesmo, da história, que, admitindo Deus como hipótese, aceita todas as suas consequências. Por essa razão, reconhece-se até mesmo o fato de Deus realizar eventos extraordinários numa pessoa como o Padre Pio e, através dele, agir poderosamente no mundo.

A Luzzatto responderam de modo preciso e vigoroso Saverio Gaeta e Andrea Tornielli na obra *Padre Pio. L'ultimo sospetto*, em que ressaltam não só as muitas imprecisões do historiador, mas também os seus verdadeiros erros e as diversas instrumentalizações dos textos a que recorreu para demonstrar a sua tese. O que foi feito não apenas recorrendo a inúmeras fontes, mas, sobretudo, para responder às insinuações sobre os estigmas, citando precisamente algumas passagens daquele inquérito do Santo Ofício de que iremos nos ocupar.

Mas eis que, agora, aquele documento, ao qual só poucas pessoas tiveram acesso, é divulgado integralmente também ao grande público, revelando de uma só vez as várias informações inéditas que contém, dentre as quais se destacam algumas das respostas dadas por Padre Pio ao bispo inquisidor e a análise cuidadosa que este faz sobre os estigmas do frade, oferecendo elementos novos e imprescindíveis para a investigação, uma carta de Padre Pio a uma religiosa e várias outras cartas enviadas ao frade pelo Padre Benedetto de San Marco in Lamis.

A Francesco Castelli não escapou a excepcional qualidade histórica do documento, para o qual fez uma boa introdução, realizando, por um lado, um trabalho fundamental no plano histórico e, ao mesmo tempo, oferecendo a todos a possibilidade de lê-lo e de aperceber pessoalmente não só sua peculiaridade, mas também sua beleza. Sim, porque uma característica que distingue o texto desse inquérito é a simplicidade da linguagem empregada: certamente também por mérito de Dom Rossi, o burocrata da Cúria Romana fez efetivamente um resumo, permitindo, assim, não só uma leitura fluente e, em diversos aspectos, fascinante, mas também a compreensão imediata dos textos.

### **"Associo-te à minha Paixão"**

O quadro que emerge é realmente bastante interessante. De fato, o inquisidor procura reconstruir tudo o que se refere ao Padre Pio, não só interrogando e examinando diretamente o capuchinho, mas também fazendo uma profunda investigação através das testemunhas mais próximas: os sacerdotes que trabalhavam em San Giovanni Rotondo e os frades do convento.

Desse modo, quem lê fica com a impressão de estar ouvindo o próprio Padre Pio narrando tudo o que lhe aconteceu e o espírito com que viveu isso. Com brevidade humilde mas densa, ele conta como recebeu os estigmas visíveis – porque os invisíveis já os tinha havia muito tempo – naquele dia 20 de setembro de 1918, isto é, três anos antes. Foi numa manhã, no coro, enquanto fazia a ação de graças depois da Santa Missa:

De repente, apoderou-se de mim um grande tremor; depois, veio a calma, e vi nosso Senhor em atitude de quem está numa cruz – mas não me apercebi de que houvesse cruz –, lamentando-se da ingratidão das pessoas, especialmente das consagradas a ele e por ele mais favorecidas. Via-se, por isso, que ele sofria e que desejava associar almas à sua Paixão. Convidava-me [a] compenetrar-me das suas dores e a meditá-las; ao mesmo tempo, a ocupar-me da salvação dos irmãos. Então, senti-me cheio de compaixão pelas dores do Senhor e perguntei-lhe o que podia fazer. Ouvi estas palavras: “Associo-te à minha Paixão”. Depois disso, a visão desapareceu, caí em mim e vi estes sinais, dos quais gotejava sangue. Antes eu não tinha nada.

O capuchinho nunca tinha contado de modo tão explícito esse acontecimento tão importante. Sobretudo, nunca havia revelado aquela frase decisiva para se compreender tudo: “Associo-te à minha Paixão”, que é a chave para adentrar no mistério da vida de Padre Pio. E também esta outra: “Convidava-me... ao mesmo tempo [a] ocupar-me da salvação dos irmãos”. Os “sinais” externos da Paixão, depois de longo período de preparação, durante o qual permaneceram ocultos, são-lhe dados a fim de tornar a sua missão mais evidente: conformado a Jesus, marcado com as suas feridas, intimamente unido a ele na dor e no amor, poderá ser instrumento, canal através do qual possa chegar aos irmãos a salvação abundantíssima.

Portanto, um acontecimento extraordinário e perturbador. E, no entanto, aceito e vivido pelo capuchinho na paz. Padre Pio admite sofrer muito fisicamente: “Em alguns momentos, não consigo aguentar”, confessa. Também reconhece que, por vezes, fica es-

pantado com o clamor que tudo isso provocou mesmo contra a sua vontade: a afluência cada vez mais numerosa dos fiéis, a pressão dos devotos – e, sobretudo, das devotas que, depois, tantos dissabores lhe causariam –, a correspondência que aumentava cada vez mais e quase consumia os poucos recursos existentes no Convento de San Giovanni Rotondo. Ele, porém, vive tudo isso com tranquilidade, realinhando-se serenamente à cruz que lhe foi dada, confiando no apoio de Deus e, também, dos confrades e superiores.

Assim, em meio a tantos carismas excepcionais, ele humildemente toma consciência da simplicidade da sua vida espiritual, entretecida de meditação, de jaculatórias e da reza do rosário. Interrogado sobre se faz mortificações especiais, confessa candidamente: “Não faço... Aceito as que o Senhor manda”; no entanto, sabemos que, na verdade, não eram poucas. Depois, fala das longas horas no confessionário ouvindo pecados, iluminando, aconselhando e absolvendo.

Seguidamente, com a mesma humildade e docilidade, mostra ao inquisidor todas as suas chagas para que as examine longamente e possa relatá-las, como efetivamente ocorreu. O que, agora, podemos ler numa descrição tão exata que chega a revelar até os pormenores. Esclarecendo, entre outras coisas, que, pelo menos naquele momento, a [chaga] no ombro direito, sobre a qual havia boatos, não existia. Também nunca se subtraía, de modo nenhum, às perguntas mais difíceis nem às suspeitas e às dúvidas sobre os produtos que alguns insinuavam que ele teria usado para tratar as chagas.

Contudo, os outros frades, ao contrário do que se imagina, enchem-nos de peculiaridades interessantes sobre a sua vida práti-

ca, sobre o seu caráter humilde, reservado em relação aos aspectos mais íntimos e, contudo, brincalhão: “Padre Pio era agradabilíssimo na conversa; com os confrades, sereno, jovial, brincalhão”. Detalhes realmente surpreendentes, se pensarmos nas dores físicas que sempre o acompanhavam e na pressão psicológica que ele sofria. Assim, eles nos descrevem também o pouquíssimo com que o frade, já então, se alimentava: o copo de chocolate que, naquele período, constituía a sua ceia, e o copo de cerveja que, de vez em quando, bebia. Traços de uma vida marcada pelo poderoso selo de Deus, que, no entanto, se mantinha simples e transparente.

No fim da sua inspeção cuidadosa e aprofundada em todos os pormenores, o bispo inquisidor não pôde deixar de concluir, escrevendo:

Padre Pio é um bom religioso, exemplar, empenhado na prática das virtudes, dedicado à piedade e, talvez, mais elevado nos graus de oração do que pode parecer; irradiava, de modo especial, uma profunda humildade e uma simplicidade singular que se mostravam inabaláveis, mesmo nos momentos mais difíceis em que essas virtudes foram, de forma penosa e perigosa, postas à prova por ele.

Um homem que se percebia distante de toda falsidade e cujo depoimento, portanto, “deve considerar-se sincero, porque a impostura e o perjúrio contrastariam demasiado com a vida e virtude do próprio Padre”.

Mas também o ambiente que o circunda deixa uma boa impressão em Dom Rossi, que conclui: “A comunidade religiosa

em que o Padre Pio vive é uma boa comunidade, capaz de dar garantias”.

## **Padre Pio, os fiéis e a Igreja**

Portanto, esse inquérito – que, pela primeira vez, é inteiramente publicado – é importante não só porque permite conhecer o Padre Pio em primeira mão – o qual se pronuncia depois de prestado juramento sobre o Evangelho e sob o vínculo da obediência plena e total à Igreja –, mas também por revelar um perfil realmente interessante sobre uma parte não certamente secundária da história da Igreja.

Sabemos que o nosso capuchinho foi desde logo muitíssimo amado pelos fiéis e também por muitos não crentes, que se converteram em grande número. Sabemos igualmente que foi obstaculizado, limitado, humilhado ao longo da sua vida. E isso até poucos anos antes de sua morte, que ocorreu, como se sabe, no dia 23 de setembro de 1968. Em 1923, em 1931 e, depois, ainda, em 1961, o Santo Ofício decidiu aplicar-lhe restrições ainda mais gravosas e dolorosas. Será preciso chegar a 1964 para que o Cardeal Ottaviani, então à frente do Santo Ofício, comunique a vontade de Paulo VI de que “Padre Pio desempenhe o seu ministério em plena liberdade”. Até que, em 1999, finalmente, João Paulo II, seu admirador de longa data, trinta e um anos depois da sua morte, o proclama beato e, três anos depois, em 2002, santo.

Quando se abrirem os arquivos dos anos posteriores a 1939, talvez se possa dizer algo mais sobre o período que se refere à década de 1960, ano da última “perseguição” a Padre Pio. O que, contudo, desde já podemos dizer – penetrando, através da

leitura dessa primeira investigação sobre o capuchinho estigmatizado, nesses arquivos que até pouco tempo atrás eram secretos – é que a imagem desse órgão dedicado à vigilância de tudo o que na Igreja pode comprometer a fé, isto é, o Santo Ofício, parece bem menos severa do que até agora se tinha crido.

O modo de proceder do bispo enviado para inspecionar é firme mas sereno. Investiga tudo profundamente, mas sem preconceitos. O seu julgamento final sobre Padre Pio é bastante positivo. Em particular, ele foi o primeiro alto representante de uma congregação romana a fazer um cuidadoso exame teológico dos estigmas do capuchinho, concluindo plenamente a favor de sua autenticidade e, também, de sua proveniência divina. Do ponto de vista histórico, essa particularidade da vida de Padre Pio revela-se única e de excepcional importância, demonstrando que, nessa circunstância, a Igreja tinha formulado um juízo preciso e fidedigno que, depois, se demonstrará exato. Os estigmas do frade são não somente reais, mas manifestam-se em uma personalidade equilibrada tanto do ponto de vista psicológico como espiritual.

Por tudo isso, o bispo dá o seguinte conselho a respeito de como, futuramente, conduzir aquela série de eventos extraordinários: deve-se acompanhar o seu desenvolvimento com prudência, porque certamente continuarão a sua caminhada, mas tomando algumas providências colaterais, e isso mais para evitar que se cometam possíveis erros do que pelo próprio Padre Pio.

Portanto, o que se põe em discussão – parece-me que isso também se aplica aos anos seguintes – nunca mais será, pelo menos da parte do Santo Ofício, o evento estigmas em si mesmo. Sobre isso, o trabalho de Dom Rossi parece de tal maneira de-

cisivo, que, depois, nunca mais se voltará a esse assunto, pelo menos ao que se sabe até o momento. A preocupação reside no modo como essa situação é tratada: temem-se o demasiado clamor, o excessivo fanatismo dos devotos, a exploração financeira que inevitavelmente se torna cada vez maior, a possível corrupção que poderá acompanhar tudo isso. Além disso, havia o receio em atingir e envolver o Padre Pio. Preocupações legítimas e – até diria – necessárias.

O que, ao contrário, impressionou desfavoravelmente, e que sabemos ter tido grande importância nos processos disciplinares e restritivos do Santo Ofício, foi a pressão exercida sobre esse órgão da Igreja por algumas figuras do clero que, ao menos em relação ao Padre Pio, se moveram com uma morosidade realmente pouco justificável. Dentre eles, o Padre Agostino Gemelli e Dom Pasquale Gagliardi, arcebispo de Manfredonia, diocese a que pertencia San Giovanni Rotondo.

As graves restrições de Padre Gemelli – um psicólogo renomado e fundador da Universidade Católica – que chegaram ao conhecimento de Roma foi o que deu início ao inquérito publicado nesta obra. Situação que perdurou e que se apoiava, como foi amplamente apurado, nas informações que ele se gabava de possuir, mas que, na realidade, eram muito exageradas, pois só se encontrou com o Padre Pio uma vez e por alguns minutos. A esse padre juntou-se também Dom Gagliardi, que, desde o princípio, se mostrou desconfiado e hostil ao capuchinho e repetiu continuamente as suas acusações, que se revelaram totalmente infundadas, até que, em 1929, foi praticamente obrigado a pedir demissão.

É, sobretudo, neles que parece centrar-se aquela atitude preconceituosamente hostil aos eventos místicos extraordinários, que, embora não fosse completamente estranha à Igreja de todos os tempos, certamente se acentuou nestes últimos séculos de racionalismo frequentemente exasperado. O que, certamente, pesou muito, em razão do papel desempenhado pelos dois eclesiásticos.

Roma movimentou-se entre dois polos – os fautores do Padre Pio e seus opositores: algumas vezes deixava espaço aos carismas extraordinários e à missão do primeiro sacerdote estigmatizado, chamado a uma missão extraordinária e, em outras, puxava o freio e, desse modo, diminuía sua ação pastoral. Mas isso certamente não modificou o empenho de Padre Pio em oferecer tudo, como sempre, mesmo a seus próprios detratores. Um apostolado que, naquela época, era externamente limitado, mas, talvez, bem mais eficaz. “Quando eu for elevado, atrairei todos a mim”, dizia Jesus acerca de si mesmo. É provável que também tenha sido assim com aquele “outro Cristo”, naqueles momentos ainda mais unido à cruz do seu Senhor, ainda mais semelhante ao Mestre rejeitado, sobretudo, pelos seus. Aquele homem que Jesus tinha querido enviar-nos, com chagas como ele, precisamente no século dos piores horrores ideológicos, para que nos recordasse, mais vivo e mais próximo, o Emanuel, o Deus-conosco e a sua obra de salvação.

Por isso, creio que o texto que aqui apresentamos contribui não só para a compreensão de que a Igreja instituição – examinando-a (*post factum*) e sabendo o que sabemos – pode ter incorrido em excessiva severidade, como também que o Santo Ofício, agora com a denominação de Congregação para a Doutrina da Fé, não era e não é um lugar de incompreensão e dog-

matismo desumano, o que, com demasiada frequência, se pretende fazer crer. É certo que, muitas vezes, a regra da prudência prevalece sobre as outras considerações, impondo limites muito duros mesmo a carismas tão importantes. Mas sejamos bastante sinceros: será que se arriscar a um escândalo de nível mundial por eventuais simulações de carismas ou por uma degradação destes não teria, isso sim, comprometido a imagem da Igreja e da fé e desestabilizado a muitos? Afinal, não fora melhor ter refreado e controlado uma situação que, caso fosse verdadeira, acabaria por emergir em toda a sua grandeza e profundidade?

Até porque será bom que, ao raciocinar sobre essas coisas, nunca nos esqueçamos disto: se pudemos ter um Padre Pio, também foi em razão de a Igreja conseguir, não obstante todos os limites dos seus homens (a começar por nós, entenda-se), manter íntegra e viva através dos séculos a fé em Jesus, naquele Homem-Deus encarnado que morreu por nós e, por fim, ressuscitou. Foi exatamente essa fé que nos permitiu e permite agora reconhecer no humilde e estigmatizado frade de Pietrelcina os sinais daquela Paixão e daquela Ressurreição que, agora e sempre, operam precisamente através da Igreja. Por isso, é a Igreja como Mistério que justifica e torna compreensível um Padre Pio, absolutamente inexplicável fora dela. E é justamente para proteger esse Mistério que, algumas vezes, a Igreja como instituição pode parecer demasiado desconfiada e severa.

Mas o sacrifício valeu a pena porque, no fim, como a história acaba sempre por fazer justiça, o que é verdadeiro, santo e conforme com a fé não pode deixar de emergir, mesmo depois de longo tempo. Como, de fato, aconteceu no dia 16 de junho de 2002, na Praça São Pedro, quando incontável multidão participou e rejubi-

lou com a glória prestada a Deus através do seu santo extraordinário, imagem do Filho, obra-prima do Espírito Santo. Por isso, se houve um Padre Gemelli ou um Dom Gagliardi reprimindo e até prejudicando, também houve sempre, antes ou depois, um Dom Rossi, um Paulo VI e um João Paulo II para reabrir o caminho.

Agora, é justo que, para respeitar a seriedade histórica, se façam as devidas correções, que se identifiquem as culpas – caso haja –, também no caso do Padre Pio, que se analisem as providências tomadas e as suas eventuais limitações. Mas sempre com humildade, porque o historiador sabe que não é honesto julgar os acontecimentos passados em função dos conhecimentos e da mentalidade atuais. Há alguns decênios poderia haver dúvidas e incertezas até justificadas sobre o frade estigmatizado, mas que agora, evidente e facilmente, se reconhece não terem fundamento.

No entanto, a experiência adquirida na observação dos dois milênios de Cristianismo não permite que o historiador ignore que deve trabalhar sem arrogância, porque, no fim, também “os juízes, por sua vez, serão julgados”. E nenhum deles, nem mesmo os do nosso tempo, têm certeza – o que, definitivamente, nenhum cristão possui – de nunca se ter enganado e, portanto, de ter realmente compreendido todo o Evangelho e atingido a plenitude e a perfeição ao traduzi-lo na prática. A verdade é que todos estamos a caminho de uma meta que não será fruto unicamente da justiça, mas sim nascerá sobretudo da misericórdia de Deus. E nisso somos guiados pela Igreja, certamente limitada nos seus homens, mas construída sobre a rocha que é Jesus Cristo. Embora seja nossa tarefa julgá-la, para ajudá-la, porque também é nossa, temos simultaneamente o dever de amá-la desde as profundezas do nosso coração, assim como

se ama uma mãe, aceitando, quando for necessário, a sua prudente e, até em alguns casos, excessiva severidade.

Por outro lado, se é verdade que, como demonstrado pela investigação efetuada por Dom Rossi, desde o início foram os fiéis, com o seu *sensus fidei*,\* os grandes apoiadores e defensores do Padre Pio – a ponto de o bispo inquisidor ter de admitir que afastá-lo de San Giovanni Rotondo provocaria uma sublevação geral –, também é igualmente verdade que o próprio Padre Pio não receou exprimir os seus temores: “Eu estava aterrado. Procurava ouvir a todos dentro do possível e trabalhar. Até mesmo a comunidade era invadida. Tivemos de recorrer à polícia”. Pois sabemos que a fronteira entre a devoção autêntica e o fanatismo não é difícil de ultrapassar. Do mesmo modo, o risco de idolatria não está assim tão longe da verdade que não leve a fazer com que o sinal prevaleça sobre a realidade que está por detrás dele. Não era sem razão que o Padre Pio repetia sempre que ele era apenas um instrumento, que as intervenções extraordinárias eram obra de Deus e unicamente dele. Em conclusão, a multidão que procurava o Padre Pio era tão grande que chegava a assediá-lo; um potencial simultaneamente rico e perigoso, que um fiel poderia observar com alegria, mas que precisava ser gerido com prudência.

### ***Alter Christus*, humilde Cireneu, sinal de Ressurreição**

Ao mesmo tempo que a investigação feita pelo Santo Ofício esclarece os aspectos mais visíveis e apreciáveis de tudo quanto

\* Sentido da fé. (N.T.)

se referia àquele frade, que tinha recebido as chagas do Senhor na sua carne, ela também nos leva, de algum modo, a procurar adentrar intimamente no segredo mais profundo desse homem que repetia frequentemente que era “um mistério para si mesmo”. Por outro lado, o inquérito igualmente nos mostra de que modo, repentinamente, o Padre Pio divide os ânimos: havia aqueles que o compreendiam e felizes acorriam a ele e os que olhavam desconfiados – quando não com incômodo e desprezo – para esse religioso com carismas fora do comum. Creio que tais reações são compreensíveis.

Tentemos, por instantes, pensar em tudo o que se move à volta dos estigmas: uma carne aberta que não sara; sangue que brota das feridas; pedaços de pano para vedar o sangue, os quais são confiscados pelos fiéis; crostas que se formam e, depois, caem, para novamente se formarem; multidões frequentemente excitadas e sempre cheias de problemas que se atropelam na esperança de ver milagres. Um conjunto de processos que não podem deixar de impressionar e até causar arrepios a quem não estiver em condições de compreender um significado que vai para além das aparências.

Tenhamos presente que o fenômeno dos estigmas só pertence ao Catolicismo, porque os [cristãos] evangélicos não apreciam os aspectos “miraculosos” da fé, enquanto os ortodoxos têm sobretudo a experiência de outros carismas, como, por exemplo, o da emanção da luz – que fazia pensar na Ressurreição – do rosto de São Serafim de Sarov. Mas também no Catolicismo não se conhecem os estigmas antes dos recebidos por São Francisco, em La Verna, restando-nos unicamente a interpretação literal que alguns exegetas dão à afirmação de São Paulo: “[...] eu trago no

meu corpo as marcas de Jesus” (Gl 6,17). Além desses fatos, houve um ou outro caso até chegar a Padre Pio, que, como já dissemos, é o primeiro sacerdote estigmatizado. A ciência investigou muito sobre o fenômeno, mas não obteve uma resposta precisa. Obviamente, excluída a fraude, nenhuma das várias hipóteses psicossomáticas apresentadas encontrou confirmação prática. Por isso, o fenômeno no seu conjunto permanece inexplicável para quem não aceita uma referência sobrenatural.

Até porque, no caso do Padre Pio, à reflexão se devem acrescentar outros elementos. O primeiro de todos é o perfume que acompanhava o frade capuchinho, fato que era salientado por Dom Rossi. Assim, aquelas chagas abertas, aquelas feridas que, normalmente, deveriam provocar mau cheiro, na realidade exalavam eflúvios de flores que atraíam agradavelmente. E o homem que traz tais feridas é atravessado por dores contínuas, tem febres que chegam a 48°C, é, sem tréguas, oprimido por doenças crônicas e graves durante toda a sua vida. Esse mesmo pobre frade que nos aparece esmagado pela sua noite interior dos sentidos, como frequentemente confia em sua correspondência, é igualmente oprimido pelos pedidos de ajuda de milhões de pessoas, algo que ele suporta durante toda a vida, passando horas e horas no confessionário com tranquilidade interior e exterior. Levado por uma força extraordinária, as suas chagas não só não se curam, como não infeccionam nem supuram, mantendo-se estéreis até o seu desaparecimento, pouquíssimos dias antes da sua morte, sem nenhum sinal de cicatrização.

É compreensível que tudo isso espante e possa atrair fortemente ou, ao contrário, causar afastamento.

Creio que, nesse segundo caso, por trás da máscara de quem diz não ser tão ingênuo que se deixe enganar, se esconde uma espécie de medo ou, então, um autêntico *timor Domini*.<sup>\*</sup> Sim, porque creio que o Padre Pio teve no interior da sua missão também a tarefa de espantar, de provocar interrogações, de embaralhar as cartas, de rebentar com todo tipo de certeza, mesmo as científicas. Ele que era e continua a ser um mistério inexplicável, exceto aos olhos da fé.

Um “sinal” – como já dizíamos – reconhecível e legível para quem já teve um encontro com Jesus Cristo ou para quem aceita humildemente encontrá-lo no momento em que se vê diante da sua imagem ritualizada e reproposta precisamente em Padre Pio. Porque, então, aquele sangue que brota continuamente o fere, mas não o obriga a fugir, antes o atrai, dado que reconhece naquelas feridas os mesmos sinais sobre os quais leu nos Evangelhos, resultado da morte do Filho de Deus na cruz. Assim como reconhece que aquela carne chagada tem muitíssimo a ver com aquela encarnação que deu início a tudo. Assim, nós, cristãos, devemos nos lembrar de que cremos em um Deus que não é só espírito, mas que, desde o princípio até a morte, quis assumir esta nossa carne e este nosso sangue. Carne e sangue que, exatamente por isso, não se destinam a acabar num sepulcro e a permanecer lá para sempre, porque são chamados a um destino de transfiguração e ressurreição. Diante disso, compreendemos que, naquelas chagas de Padre Pio, naquelas feridas circundadas de halos de perfumes, nós, cristãos, podemos recordar muitas outras coisas,

---

<sup>\*</sup> Temor do Senhor. (N.T.)

como as aparições de Jesus ressuscitado, sobretudo a Tomé: momento em que o Redentor se mostrou glorioso, sim, mas com as feridas ainda abertas, nas quais o apóstolo desconfiado e incrédulo podia colocar o dedo. Assim, também a tradição ocidental e a oriental parecem reencontrar a sua unidade: os estigmas referem-se fortemente à Paixão, mas contêm no seu interior o mistério da Ressurreição; a luz dos rostos santos da ortodoxia remete diretamente para a Ressurreição, mas pressupõe obviamente aquela paixão que a ela conduziu.

Pois Padre Pio é tudo isso: é a recordação não só da dolorosa Paixão do Senhor, mas também, e simultaneamente, da sua Ressurreição gloriosa. Recorda-nos conjuntamente da passagem necessária através do Calvário e da manhã de Páscoa. Dá-nos a certeza de uma redenção sempre em ação, em que existe a dor e o sofrimento, mas não como fins em si mesmos. O ponto de chegada é a vida, e não a morte.

“Associo-te à minha Paixão.” Também esta frase maravilhosa e terrível, que lemos no testemunho de Padre Pio, pode espantar quem dele se aproxima pela primeira vez. Remete-nos àquela poderosa afirmação de Paulo: “Completo na minha carne o que falta à Paixão de Cristo”. Como entender essas expressões tão desconcertantes? Não certamente pressupondo que a oferta e o sacrifício de Jesus não foram suficientes.

Para compreender isso, devemos refletir sobre o fato de que aquela redenção adquirida há dois mil anos no Gólgota não foi um acontecimento meramente burocrático, uma espécie de taxa a pagar de uma vez para sempre, com aplicação automática em cada homem nos séculos vindouros. Não, ela significou certamente um

gesto de justiça, mas, sobretudo, um ato de amor a que devemos corresponder. Constituiu uma possibilidade concreta, aberta a cada homem, de entrar plenamente no mistério trinitário e na vida divina, uma “porta estreita” através da qual deveremos entrar, ao aceitar seguir o Mestre, levando a nossa parte de cruz purificadora.

Um jugo que Padre Pio tornou leve e capaz de ser suportado, mas que nos compete experimentar. Um jugo que, no Corpo Místico, podemos compartilhar com os irmãos tornando-nos cireneus deles, assim como aquele primeiro cireneu da história o foi de Jesus. Deixando-nos, por nossa vez, ajudar nesse percurso por muitos cireneus escondidos que oferecem em silêncio os seus sofrimentos e a sua vida, e também pelos extraordinários que, de quando em quando, o Senhor quer levantar sobre o monte, como o Padre Pio, esse frade humilde e silencioso, o grande cireneu do nosso tempo. Só no além compreenderemos realmente o que esse homem aceitou que se fizesse através dele, os rios de graça que passaram através dos seus estigmas e que inundaram muitos corações transformando-os.

Doravante, podemos afirmar – creio que sem receio de sermos desmentidos – que poucos eventos, durante o século que passou, contribuíram tanto, e com ecos que durarão eternamente, para salvar a fé do Povo de Deus, para levar até Jesus muitas pessoas que tinham dúvida, eram descrentes. Tudo isso a benevolência divina quis dar-nos através da presença humilde e sofredora desse frade, desse *alter Christus*.\*

*Vittorio Messori*

Escritor e jornalista italiano

---

\* Outro Cristo. (N.T.)

## LISTA DOS DOCUMENTOS CITADOS

- ACDF – Arquivo da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé.  
*Epistolario* – Padre Pio da Pietrelcina, *Epistolario, I, Corrispondenza con i direttori spirituali (1910-1922)*, San Giovanni Rotondo, 1992.
- Il Beato Padre Pio* – G. Di Flumeri, *Il Beato Padre Pio da Pietrelcina*, San Giovanni Rotondo, 2001.
- Le stimmate* – G. Di Flumeri, *Le stimmate di Padre Pio da Pietrelcina. Testimonianze Relazioni*, San Giovanni Rotondo, 1995.
- Lemius* – Arquivo da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé/S.O., Dev. Var., 1919, I, *Cappuccini*, Padre Pio da Pietrelcina, fasc. I, doc. 14 (*Voto manoscritto e stampato del P. Lemius. Qualificatore del S.O.*).
- Misteri di scienza* – G. Festa, *Misteri di scienza e luci di fede. Le stimmate del Padre Pio da Pietrelcina*, 2. ed., Roma, 1938.
- Rossi* – Arquivo da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé/S.O., Dev. Var., 1919, I, *Cappuccini*, Padre Pio da Pietrelcina, fasc. I, doc. 21 (*Voto manoscritto e stampato del Visitatore Apostolico † Mons. Raffaello C. Rossi*).
- Un tormentato settennio* – G. Saldutto, *Un tormentato settennio (1918-1925) nella vita di Padre Pio da Pietrelcina*, Roma, 1974.

Os grandes santos são chamados a superar,  
no seu corpo e na sua alma,  
as tentações de uma época,  
a suportá-las por nós, almas comuns,  
e a ajudar-nos na passagem para aquele  
que tomou sobre si o peso de todos nós.

J. Ratzinger

PRIMEIRA PARTE

Um novo ponto de  
partida



## Introdução

# AS ATAS INÉDITAS DA PRIMEIRA INVESTIGAÇÃO DO SANTO OFÍCIO

Depois de estudos, debates e entrevistas, julgávamos já saber tudo sobre Padre Pio. Nem sequer a recente abertura dos arquivos do antigo Santo Ofício até o ano de 1939 deixava prever algo de novo. Mas, na verdade, havia novidades. Sepultado entre as cartas do arquivo encontrava-se um documento de extraordinária importância, que, agora, regressa do passado: as Atas do primeiro inquérito do Santo Ofício.

Esse documento remonta a 1921 e guarda revelações secretas sobre o capuchinho. São seis valiosos depoimentos, feitos sob juramento, diante de um inquisidor do Santo Ofício. Neles, revelando fatos e fenômenos nunca relatados a ninguém, Padre Pio compôs, de viva voz, a sua autobiografia e entregou-a definitivamente à Igreja e à história.

Mas isso não é tudo. O inquisidor que “recolheu” os segredos de Padre Pio não se limitou às afirmações do frade para traçar o seu perfil espiritual e a sua identidade mística. Procurou, ainda, pôr o dedo na chaga e, tiradas as ligaduras das mãos do padre, exa-

minou com rigor seus estigmas. Daí resultou um exame inédito com aspectos fascinantes e inesperados.

Aliás, sobre o indagado, o visitador preparou um inquérito rigoroso, interrogando testemunhas e inspecionando ambientes. Reuniu um material tão abundante que, embora até agora fosse quase desconhecido, representa um relatório completo e original sobre o capuchinho e permite atualizar completamente toda a historiografia sobre ele.

Escondidas durante longos anos aos olhares dos estudiosos e dos devotos, graças à decisão de Bento XVI de tornar acessíveis desde junho de 2006 os documentos do Pontificado de Pio XI (1922-1939), as Atas do primeiro inquérito do Santo Ofício são agora publicadas integralmente pela primeira vez.<sup>1</sup>

Além disso, tudo o que se narra nestas páginas revela-se útil para se escrever um capítulo da história do Santo Ofício, cuja imagem, tão vituperada pela opinião geral, sai renovada e refeita de lugares-comuns.

Mas, por outro lado, mostra-se a figura de todos os que pretendiam utilizar o dicastério romano como instrumento de batalha das suas invejas e da sua animosidade.

Por fim, também é edificante a imagem da vida franciscana nos primeiros anos do séc. XX, na Apúlia.\*

---

<sup>1</sup> O “Voto” – este o nome técnico do documento – é um texto datilografado de 141 páginas, guardado no arquivo da Congregação para a Doutrina da Fé. Redigido em 1921 pelo inquisidor do Santo Ofício, divide-se em duas partes: relatório e transcrição dos depoimentos. O relatório compreende os traços biográficos e existenciais do Padre Pio, o motivo da investigação, o retrato “moral-religioso” do indagado, o exame dos fenômenos extraordinários. Por fim, seguem-se algumas sugestões sobre o caso Padre Pio e a avaliação final. O relatório dos depoimentos contém a transcrição integral dos testemunhos e um exame dos estigmas. Há, ainda, um apêndice de documentos e interrogatórios.

\* Província do sul da Itália. (N.T.)

Agora, para saber quem era o Padre Pio e por que motivo o Santo Ofício ordenou que se fizesse uma investigação sobre ele, não nos resta senão recuar no tempo.

Era o dia 20 de setembro de 1918.

## O Santo Ofício sob pressão

A Europa está quase saindo da Primeira Guerra Mundial quando o Padre Pio de Pietrelcina recebe os sinais da Paixão de Cristo: os estigmas.<sup>2</sup> A notícia difunde-se rapidamente,<sup>3</sup> e ao Convento de San Giovanni Rotondo chegam devotos, peregrinos, eclesiásticos e simples curiosos.<sup>4</sup>

Depois das primeiras verificações clínicas,<sup>5</sup> acende-se um vivo debate sobre a natureza das feridas e sobre a suposta santidade do estigmatizado. A discussão chega também ao Vaticano, à Inquisição, que, havia poucos anos, recebera o nome de Santo Ofício.<sup>6</sup> Ao temido dicastério romano – encarregado da tutela

<sup>2</sup> Sobre a estigmatização de Padre Pio, cf. o capítulo IV da terceira parte. Como veremos mais adiante, o primeiro depoimento de Padre Pio, prestado na visita apostólica, tornar-se-á a fonte mais importante para conhecer aquele momento decisivo de sua vida.

<sup>3</sup> A primeira notícia de um jornal sobre os estigmas remonta a 9 de maio de 1919. Cf. *Il Beato Padre Pio*, p. 19.

<sup>4</sup> A título de exemplo, cf. a memória do bispo de Melfi e Rampolla, Dom Alberto Costa, no capítulo IV da terceira parte.

<sup>5</sup> Sobre as visitas médicas, cf. *Un tormentato settennio*, pp. 111-118.

<sup>6</sup> Até 29 de junho de 1908, data da promulgação da Constituição apostólica *Sapienter Consilio* de Pio X, a Suprema Sagrada Congregação do Santo Ofício denominava-se Sagrada Inquisição Romana e Universal, instituída por Paulo III com a Constituição apostólica *Licet ab Initio*, de 21 de julho de 1542, a qual era distinta dos tribunais da Inquisição medieval e da Inquisição espanhola, que tiveram origens e objetivos diferentes. Com o *motu proprio Alloquentes*, de 25 de março de 1917, Bento XV admitiu no Santo Ofício, como simples seção, a Congregação do Index. Depois da reforma de 1908, o Santo Ofício torna-se a primeira congregação romana, devido à importância dos temas e das problemáticas que lhe são confiados. Quanto ao adjetivo “suprema”, este aparece pela primeira vez no *Annuario Pontificio* de 1927.

da fé e da verificação da “simulada santidade” – foram chegando cartas de conteúdo inesperadamente contraditório.<sup>7</sup> Em contraposição aos que exaltam a santidade do capuchinho, há os que o acusam de provocar em si mesmo os estigmas com ácido fênico e veratrina!<sup>8</sup> Dentre os que suspeitavam da autenticidade dos es-

---

Eram membros do Santo Ofício alguns cardeais, inquisidores gerais, que se reuniam em assembleia plenária todas as quartas-feiras, presididos pelo cardeal secretário, que, apesar da designação de “secretário”, desempenhava a função de prefeito, embora tal função estivesse formalmente reservada ao Santo Padre, como dispunha o can. 247, § I, do código de São Pio X e Bento XV. Com função e com grau de secretário de dicastério, mas com nome diferente, seguia depois o assessor. Na chefia da secção instrutória das causas criminais estava o “padre comissário”, que, com o assessor, era oficial maior. Todos os outros eram oficiais menores.

Quanto às nomeações dos membros, a maior parte estava reservada ao Santo Padre. Dentre elas, havia a dos qualificadores e dos consultores para o exame e a proscição dos livros.

Sobre esse tema, será útil ler: A. DEL COL, *L'Inquisizione in Italia; dal XII al XXI secolo*, Milano, 2006, pp. 819-822.

<sup>7</sup> A primeira notícia remonta a 6 de junho de 1919. Cf. ACDF/S.O., Dev. Var., 1919, I, *Capuccini*, Padre Pio da Pietrelcina, fasc. I, doc. 1.

Para avaliar de modo completo e eficaz o trabalho de Luzzatto, pode-se ler o artigo do professor Carmelo Pellegrino, cuja introdução transcrevemos: “Que o professor Sergio Luzzatto não se zangue, mas o seu ‘padrepio’ desiluiu-nos verdadeiramente. Tinha sido saudado como o primeiro estudo histórico sobre o Santo; mas não era o primeiro estudo histórico. Tinha sido anunciado como portador de grandes novidades; mas essas “novidades” eram documentos perfeitamente conhecidos e até já publicados, em que não se tratava de noticiários que pouco ou nada tinham a ver com o frade. Em vão nele procuramos o trabalho ingente da objetividade científica que joeira todos os elementos, que percebe dinâmicas humanas por detrás dos papéis, que formula hipóteses fundamentadas, que sabe discernir cuidadosamente entre o centro e a periferia. Perdemos constantemente no labirinto das pré-compreensões – políticas, religiosas, sociais etc. – do inquisidor, que fende a humanidade em duas e vê o diabo sempre e em toda parte, invariavelmente em tons sombrios. Por isso, consideramos que, no fundo, se trata do enésimo ‘padrepio’ dos bobos – surreal porque só vive em quem o interpreta –, distante, sim, do irreverente do *Il Vernacoliere* [publicação satírica mensal, escrita em livornês e italiano] (não aceito, mas prazerosamente mencionado sem segredos, pp. 17-18), mas pouco verossímil, porque, para o texto de Luzzatto, a verdadeira história de Padre Pio de Pietrelcina continua a ser um território em larga escala inexplorado”. In: PELLEGRINO, C., *Il surreale “padrepio” di Luzzatto*, *Studi su Padre Pio*, VIII/3 (2007), p. 431. O artigo termina, na p. 456, com um desmentido pormenorizado das afirmações mais importantes de Luzzatto.

<sup>8</sup> De fato, no final de junho de 1920, Dom Bella, bispo de Foggia, leva ao Santo Ofício os depoimentos de dois farmacêuticos que receiam que o Padre Pio provoque artificialmente os estigmas. Os depoimentos estão guardados em *Lemius*, anexo 2, 23.

tigmas, está um ilustre estudioso: Padre Agostino Gemelli, ofm. No dia 18 de abril de 1920, o douto franciscano tem um brevíssimo encontro com seu confrade, sendo que, ao fim de poucos minutos<sup>9</sup> e de poucas frases, se despede dele, sem qualquer exame dos estigmas; e isso foi tudo.<sup>10</sup> Contudo, no dia seguinte, o Padre Gemelli envia uma carta ao Santo Ofício, declarando que os estigmas são “fruto de sugestão”<sup>11</sup> e, passados dois meses, envia uma segunda carta com propostas precisas sobre as iniciativas a serem tomadas.<sup>12</sup>

<sup>9</sup> Sobre a visita de Gemelli, cf. *Un tormentato settennio*, pp. 118-123. Sergio Luzzatto comete um erro importante, em se tratando de um juízo histórico preciso sobre essa questão, pois recorda mal a duração desse encontro e escreve: “[Agostino Gemelli] passou uma mancha de horas com o Padre Pio em pessoa”. In: LUZZATTO, Sergio, *Padre Pio. Miracoli e politica nell’Italia del Novecento*, Torino, 2007, p. 78. Responderam à publicação de Luzzatto, que suscitou uma impressionante chuva de críticas, em primeiro lugar o professor Carmelo Pellegrino e o professor Luciano Lotti, através de dois estudos que citaremos mais adiante. Depois, com uma exposição mais ampla, A. Tornielli e S. Gaeta desmentiram numerosas afirmações de Luzzatto. In: GAETA, S. & TORNIELLI, A., *Padre Pio l’ultimo sospetto*, Casale Monferrato, 2008.

<sup>10</sup> No encontro, estava presente o Padre Benedetto de San Marco in Lamis, que relata: “O Padre Gemelli, então ainda não Magnífico (1919-1920), escreveu ao provincial Padre Pietro que queria deslocar-se para [fazer] uma visita a San Giovanni. O Padre Pietro respondeu-lhe que, caso tentassem ir para lá como cientista e para observar o Padre Pio, se munisse em Roma de faculdade [concedida] pelos superiores, sabendo da grande relutância de Padre Pio em expor-se a semelhantes verificações e observações. Gemelli retorquiu que só ia para fins privados e espirituais. [...] Gemelli chegou à noite e nem sequer oralmente expressou ao Padre Pietro o desejo de observar o Padre Pio. No dia seguinte, fomos lá com o vigário-geral, o secretário de Foggia, Padre Gerardi, que pregava na quaresma, e o Guardião dos Menores com a [senhorita] Barelli. Esta pediu para falar com o Padre Pio e, na minha frente, perguntou, entre outras coisas, se o Senhor abençoaria a obra idealizada (a Universidade Católica). Padre Pio respondeu com um monossilábico: ‘Sim’. Chegou a noite e, no dia seguinte, a referida senhorita começou a pedir-me que autorizasse Gemelli a observar o Padre Pio. Respondi que não podia fazer nada porque o provincial me tinha dito expressamente que não obrigasse o Padre Pio àquela grave mortificação, já que o Padre Gemelli não se munira de permissão. [...] Abandonada a ideia da visita, Gemelli pediu para falar com o Padre Pio, o que aconteceu na sacristia. Durou poucos minutos. Eu estava num canto afastado e tive a impressão de que o Padre Pio se despedira dele parecendo aborrecido. Eis tudo”. In: *Un tormentato settennio*, p. 324.

<sup>11</sup> A carta de Gemelli foi publicada em *Il Beato Padre Pio*, pp. 421-424.

<sup>12</sup> Cf. *ibid.*, pp. 426-427.

Pressionado por tantas denúncias e quase obrigado a tomar uma posição, o dicastério promove inquéritos mais aprofundados e, ao terminar o ano de 1920, recebe do ministro-geral dos capuchinhos novas informações tranquilizadoras. São apresentados dois grupos de documentos: o primeiro, de ordem religioso-disciplinar e, o segundo, de ordem médico-científica.<sup>13</sup> Entretanto, chegam também as primeiras acusações de Dom Pasquale Gagliardi,<sup>14</sup> arcebispo de Manfredonia.

A situação é complexa e o Santo Ofício decide confiar a redação de um dossiê sobre Padre Pio a um homem de experiência comprovada, o dominicano Padre Joseph Lemius, procurador-geral dos Oblatos de Maria Imaculada.<sup>15</sup>

<sup>13</sup> No primeiro grupo aparece uma carta do provincial dos capuchinhos de Foggia, Padre Pietro Ischitella. Inteligentemente, o superior não faz juízos pessoais sobre o Padre Pio, mas se refere aos de autorizadas personalidades, eclesiásticas ou não. Dentre eles, o muitíssimo lisonjeiro do bispo de Melfi e Rampolla, Dom Costa, o relatório sobre a perscrutação do coração – acontecida na presença de outras testemunhas – do doutor Romanelli, a notícia da ligadura das chagas do Padre Pio e da retirada de todos os fármacos de sua cela.

No segundo grupo, aparecem quatro relatórios médicos sobre os estigmas de Padre Pio: do professor Bignami, do doutor Romanelli e dois do doutor Festa. Cf. ACDF/S.O., Dev. V. 1919, I, *Cappuccini*, Padre Pio da Pietrelcina, fasc. I, docs. 10-14. O testemunho de Dom Costa foi publicado em *Un tormentato settennio*, pp. 332-333.

<sup>14</sup> Trata-se do inimigo jurado de Padre Pio, que “presidirá” a campanha difamatória contra o capuchinho de 1920 até 1930. Será convidado a renunciar à administração da sua diocese pela sua conduta discutível e por ficar provado que as suas graves acusações eram infundadas.

Na primeira carta, datada de 10 de agosto de 1920, o arcebispo de Manfredonia não faz um perfil negativo de Padre Pio. Descreve-o como inteligente e de modos gentis. Mas critica o que os seus confrades fizeram e o boato levantado sobre as supostas questões sobrenaturais. Gagliardi declara que, no passado, teria sido oportuno afastar o Padre Pio. Mas, agora, “seria tarde e pior. Aliás, voltou a calma, repito”. In: ACDF/S.O., Dev. V. 1919, I, *Cappuccini*, Padre Pio da Pietrelcina, fasc. I, doc. 7, 2r.

Depois, as suas numerosas cartas enviadas ao Santo Ofício não seriam mais do que um acúmulo de acusações e denúncias, por vezes clamorosamente desmascaradas. A esse respeito, é apresentado um estudo consistente em *Il Beato Padre Pio*, pp. 395-418.

<sup>15</sup> O encargo foi dado pelo cardeal secretário do Santo Ofício Raffaele Merry Del Val. Quanto a Lemius, trata-se de um teólogo conhecido, a quem se deve a redação da secção doutrinal da Encíclica *Pascendi*. A parte remanescente foi obra do Cardeal José de Calasanz Vives y Tuto.

Fizeram ao teólogo uma pergunta muito concreta: “Se e que providências deve o Santo Ofício adotar relativamente a Padre Pio de Pietrelcina, capuchinho”.<sup>16</sup> O Padre Lemius estuda com a “máxima diligência e aplicação” a documentação sobre o frade e prepara o seu *votum*, isto é, a esperada resposta.

Desde as primeiras linhas, em dúvida sobre a origem divina das chagas, reconhece que não pode afirmar “nada de certo a respeito da origem dos seus estigmas”, por causa da ausência de uma verificação direta.

Por isso, sugere que se envie a San Giovanni Rotondo um visitador apostólico com o objetivo de efetuar “uma investigação cuidadosa [...] sobre o caráter moral, ascético e místico de Padre Pio [...] especialmente com respeito à humildade e obediência, e prudentemente pô-lo à prova em relação a essas duas virtudes”, não se esquecendo de “observar o seu modo de se relacionar com as mulheres”. Deveria

vigiá-lo quanto ao uso de produtos farmacêuticos [...], se necessário, visitar de vez em quando a sua cela [verificar a acusação de ter provocado os estigmas com], aquele ácido fênico que ele requisitou para dar injeções nos novíços. Isto é, se realmente eles teriam alguma coisa a ver com as injeções [...]; manter o ex-provincial, Padre Benedetto, afastado de San Giovanni durante o inquérito. [...] Seguir de perto a *cronisteria* [sic] ordenada pelo provincial, de que se fala nas Atas.<sup>17</sup>

<sup>16</sup> Lemius, p. 1.

<sup>17</sup> Ibid., p. 15.

A sugestão do consultor foi aceita. Com a anuência de Pio XI, a congregação procura um candidato idôneo para a visita apostólica,<sup>18</sup> um eclesiástico que seja simultaneamente

um bom teólogo e homem de rara prudência, capaz de não se deixar levar por aquela atmosfera de insinuações de que se falou, mas que soubesse conservar o espírito “crítico” necessário à investigação da verdade em matéria tão delicada e, ainda, fosse suficientemente hábil para fazer um inquerimento cuidadoso sem levantar suspeita.<sup>19</sup>

A escolha recai sobre Dom Raffaello Carlo Rossi, bispo de Volterra e futuro cardeal.<sup>20</sup> Foi a ele que a Santa Sé confiou a

<sup>18</sup> No anterior Código de Direito Canônico, a visita apostólica era uma forma particular de visita canônica.

Por visita canônica entende-se uma investigação [*investigatio seu inquisitio forma solemnior*] sobre pessoas, coisas ou lugares, tendo o visitador o poder de proceder à correção mediante disposições jurídicas relativas aos abusos encontrados [*cum iure corrigendi et reformandi si quos abusus visitator invenit*]. Relativamente à circunstância, a visita canônica pode ser ordinária ou extraordinária; quanto à autoridade do visitador, pode ser jurisdicional ou disciplinar. Uma forma particular de visita é a *occasionaliter decretata*, estabelecida ocasionalmente por mandato direto da Sé Apostólica. Pelo fato de ser promovida pela Santa Sé, começa a tomar o nome de “visita apostólica”. Nesse caso, a autoridade e os poderes do visitador variam consoante o mandato recebido. Cf. PASCHINI, P., Visita canonica, *Enciclopedia Cattolica*, XII, Città del Vaticano, 1954, p. 1494.

<sup>19</sup> Lemius, p. 15.

<sup>20</sup> Para fazer um aprofundamento sobre Raffaello Carlo Rossi, remetemos ao capítulo I da terceira parte deste livro. Nascido em Pisa, em 28 de outubro de 1876, depois de se ter inscrito na Faculdade de Letras da sua cidade, entra na Ordem dos Carmelitas Descalços, em 3 de outubro de 1897, e veste o hábito carmelita em 19 de dezembro de 1898. Em 1899, faz a profissão perpétua e, passados dois anos, é ordenado sacerdote. Por suas qualidades humanas e espirituais, é nomeado coadjutor de um dos consultores da Sagrada Congregação para o Concílio. Visitador apostólico nos seminários de Apúlia e no Colégio Inglês de Roma, no dia 22 de abril de 1920 é eleito bispo de Volterra, embora continue o seu trabalho de visitador. No dia 30 de junho, Pio XI nomeia-o cardeal, confiando-lhe o cargo de secretário da Sagrada Congregação Consistorial, depois do Cardeal De Lai. Morreu entre 16 e 17 de setembro de 1948, em Cresceno del Grappa. Atualmente, corre o processo da sua beatificação.

tarefa de responder a uma pergunta difícil: Quem é, realmente, Padre Pio?<sup>21</sup>

## Guia para a leitura

Antes de entrarmos na investigação, é útil apresentar a estrutura deste livro, os seus conteúdos e as informações inéditas.

A estrutura da obra é constituída de três partes.

Na primeira, composta de três capítulos, apresenta-se a história da visita apostólica de 1921; os conteúdos dos interrogatórios e alguns aprofundamentos históricos; a análise e a originalidade do exame dos estigmas, efetuado pelo bispo inquisidor, e o seu juízo positivo sobre a origem dos sinais da Paixão.

Na segunda parte, encontramos a transcrição integral das preciosíssimas Atas da visita apostólica. Trata-se de uma fonte histórica em grande parte ainda desconhecida. Mais precisamente,

---

Não faltam publicações sobre o Cardeal Rossi, embora ainda só esteja no início o exame do seu papel de visitador. De modo particular, a ausência de um estudo sobre a investigação canônica que fizera a respeito de Padre Pio justifica uma clara atualização dos contributos científicos sobre sua missão e sua personalidade. Para um aprofundamento útil, cf. BONDAMI, Vittorio & BONDAMI, Vito, *Pastore e maestro*, Milano, 1971; id., *Come lo conobbero*, Roma, 1973; id., *Il carisma della paternità. Epistolario I*, Roma, 1974; id., *Riempite le idrie. Note di spiritualità*, Roma, 1976; id., *A servizio della Chiesa*, Roma, 1977; id., *Paternità di servizio. Raffaello Carlo card. Rossi e gli Scalabriniani*, Roma, 1981; BONDAMI, V. & PAPASOGLI, M. Zalum, *Attuazione delle norme concordatarie lateranensi*, Roma, 1978; PAPASOGLI, M. Zalum, *Il Cardinale del silenzio. Raffaello Carlo Rossi*, Roma, 1983. Para se compreenderem as qualidades de visitador e a sua experiência nesse campo, são notavelmente úteis dois artigos recentes em que se publicam, em apêndice, as visitas apostólicas de Rossi ao Pontifício Seminário Regional da Apúlia. In: SPORTELLI, F., *Le visite apostoliche di Raffaello Carlo Rossi al Pontificio Seminario Regionale Publiese (Lecce, 1911 – Molfetta, 1919) (parte prima)*, *Rivista di Scienze Religiose*, 15 (2001), pp. 259-299; Id., *Le visite apostoliche di Raffaello Carlo Rossi al Pontificio Seminario Regionale Publiese (Lecce, 1911 – Molfetta, 1919) (parte seconda)*, *Rivista di Scienze Religiose*, 16 (2002), pp. 59-100.

<sup>21</sup> Saldutto afirma que, antes de 1921, houve outras visitas apostólicas. Contudo, não há nenhum vestígio delas na documentação guardada no arquivo da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé. Para as declarações de Saldutto, cf. *Un tormentato settennio*, pp. 139-141.

são inéditos dois terços dos importantíssimos depoimentos de Padre Pio e completamente inédito o exame dos seus estigmas.

Depois dos depoimentos, Dom Rossi transcreve uma carta do capuchinho a uma filha espiritual, Irmã Giovanna Longo. Também essa carta nunca foi publicada.

Além disso, boa parte do relatório do visitador apostólico é inédita, como também é desconhecida a quase totalidade das declarações das testemunhas interrogadas no processo.

Na parte final do documento, ainda encontramos um apêndice de cartas enviadas a Padre Pio pelo Padre Benedetto Nardella de San Marco in Lamis, diretor espiritual do estigmatizado. Algumas delas já estão publicadas, outras perderam-se e, por isso, não apareceram no livro do epistolário dedicado à correspondência entre o capuchinho e seu pai espiritual. Com mais precisão, segundo a numeração dada por Dom Rossi, são inéditos os nn. 15, 16, 18, 24 e 27. Por isso, doravante, entrarão na história e poderão ser inseridas no epistolário de Padre Pio, bem como a supracitada carta do capuchinho.

Na terceira parte, são apresentados aos leitores quatro contributos. O primeiro é um breve perfil biográfico do Cardeal Rossi, com algumas considerações historiográficas. O segundo é a transcrição integral de um documento em parte nunca antes publicado, pedido pelo visitador apostólico no termo do seu inquérito: a *Cronistoria di P. Pio*, escrita por Padre Benedetto Nardella, que é uma fonte de notável importância. Depois, ao leitor que, pela primeira vez, se aproxima da vida e da espiritualidade do Padre Pio, seguem dois aprofundamentos: a narração viva da estigmatização de Padre Pio (que se iniciou muito antes de 20 de

setembro de 1918) e a cronologia de Padre Pio com as datas e os fatos importantes da sua vida.

De uma forma geral, quanto às informações inéditas, este livro traz uma quantidade enorme de fontes, autobiográficas ou não, sobre o capuchinho, as quais são fundamentais para conhecê-lo.